

O conceito de representação da *Auffassung* ao *Entwurf*

Carlota Ibertis

E-mail: carlotam@terra.com.br

Resumo: O conceito de representação elaborado na *Auffassung* envolve o de representação de objeto e de palavra. Ao ser pensado no contexto do funcionamento de um aparelho psíquico sob o ponto de vista de excitações neuronais no *Entwurf*, tal conceito sofre modificações. Ambas as elaborações divergem: além da diferença dos respectivos contextos, a primeira é voltada à constituição do significado da palavra e da relação desta com o objeto referido por ela, enquanto, na segunda, com as associações lingüísticas e de objeto, introduz-se a noção de *das Ding*, que permite a reelaboração do desejo e dos aspectos inconscientes da experiência do sujeito. Balizar a mudança conceitual entre o texto sobre as afasias, de 1891, e o do projeto de uma psicologia científica, de 1895, em torno da representação é o propósito deste trabalho.

Palavras-chave: representação; associação; quantidade; representação-coisa.

Abstract: "Representation", as developed in the *Auffassung*, includes both the concept of object and of word representation. Being conceptualized within the context of the functioning of a psychic device and the perspective of neuron excitement, such concept suffers modifications. Beyond the relevant contextual differences, these conceptualizations diverge in that, while the former reverts to the elaboration of the meaning of the word and its relation with the object it denotes, the later, presented in *Entwurf*, combines the associations of language and object with the notion of "*das Ding*", which allows a redefinition of desire and the unconscious aspects of the subject's

experience. The aim of this paper is to analyze the conceptual shift between the two texts with regards to the notion of representation.

Key-words: representation; association; quantity; thing representation.

Considerações epistêmico-metodológicas¹

O último capítulo da *Auffassung* – centrado no exame da palavra, unidade funcional da linguagem – desenvolve uma perspectiva diferente dos anteriores. Essa virada parece ser uma opção metodológica, conseqüência de restrições científico-tecnológicas da época, assim como do crescente interesse de Freud pela clínica. Considerações fisiológicas de lado, ele elabora os conceitos de palavra e de representação para inferir deles uma classificação nova das afasias em termos de distúrbios associativos. Resumindo, abandona qualquer alusão ao correlato neurológico para centrar-se no conceito de representação.

A mudança para um ponto de vista mentalista pode ser interpretada como a adoção de uma alternativa ao neurológico para abordar o mesmo fenômeno: como se fossem duas línguas diferentes para falar do mesmo. Em ambas, o que Freud enfatiza é a perspectiva funcionalista e a consideração de cada um dos sistemas, o nervoso e o psíquico, como todos unitários separados. Tal opção obedeceria, então, às razões, por ele mesmo aludidas, acerca da falta de melhores conhecimentos no campo das explicações neurofisiológicas do que no das psicológicas, como também acenaria para sua preocupação clínica.²

¹ O presente texto beneficiou-se do trabalho realizado pelo Grupo de Leitura Cronológica de Freud, coordenado pela psicanalista Conceição Beltrão Fleig. Agradecemos em especial a sua indicação do artigo de Hiltenbrandt, assim como a discussão com Richard Theisen Simanke e Fátima Caropreso por ocasião da apresentação do mesmo no I CIFP.

² Certos comentários na *Auffassung*, como a continuidade entre normal e patológico, a influência do emocional sobre o funcionamento do aparelho da fala, etc., parecem remeter a observações clínicas.

No caso do *Projeto*, a observação clínica das representações hiperintensas³ fornece o material para pensar a noção de quantidade, pedra basal do texto. Trata-se de apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais comprováveis, os neurônios. De modo que as duas concepções fundamentais do texto são a quantidade e os neurônios.⁴ Na Carta a Fliess de 25 de maio de 1895, citada por Strachey na sua introdução ao texto do *Projeto*, Freud identifica as duas ambições que o atormentavam:

[...] primeiro, averiguar qual forma cobrará a teoria do funcionamento psíquico se se introduz nela um enfoque quantitativo, uma espécie de economia da energia nervosa, e segundo, extrair da psicopatologia aquilo que possa ser útil para a psicologia normal. (1966b, p. 326)⁵

Na obra freudiana, a noção de montante de energia ou soma de excitação⁶ aparece em textos anteriores ao *Projeto*, como, por exemplo,

-
- ³ Uma idéia instigante em relação a isso fornece Osmyr Faria Gabbi Jr. em suas *Notas a Projeto de uma psicologia*, nota 4, em que cita Freud em “Sobre a psicoterapia da histeria”: “Trabalho esta última parte da exposição com a expectativa de que as características psíquicas que serão descobertas aqui possam um dia alcançar certo valor como matéria-prima para uma dinâmica da idéia” e comenta que um dos objetivos do *Projeto* é elaborar essa dinâmica. Na mesma nota, retoma a observação de Silverstein, de que o *Projeto* foi o capítulo teórico que Freud teria gostado para os *Estudos sobre histeria*.
- ⁴ Em relação aos neurônios, Strachey observa que Freud vinha trabalhando na estrutura do sistema nervoso em uma série de conferências desde 1879, que teriam contribuído para a formulação da teoria do neurônio por parte de Waldeyer, em 1891 (1966a, p. 226, nota 5).
- ⁵ Mais tarde, no *Projeto*, a idéia de quantidades em fluxo, ocupando neurônios e os trilhos entre os mesmos, parece estabelecer os alicerces para a futura concepção metapsicológica acerca do econômico.
- ⁶ O termo quantidade, referido à estimulação do sistema nervoso central, já era usado na época. Na Parte Teórica dos *Estudos sobre histeria*, falando acerca da energia tônica intracerebral, Breuer afirma que a concepção da energia do sistema nervoso central como uma quantidade que se distribui de forma variável pelo encéfalo aparece já em um autor do início do século chamado Cabanis (Breuer 1976, p. 207, nota 7).

Histeria, de 1888, em que o autor fala das perturbações psíquicas próprias desse transtorno como “modificações na distribuição normal, sobre o sistema nervoso, das magnitudes estáveis de excitação” (1888, v. I, p. 54). Em *As neuropsicoses de defesa*, de 1894, afirma:

[...] nas funções psíquicas cabe distinguir algo (montante de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade – ainda que não possuamos meio algum para medi-la; algo que é suscetível de acréscimo, diminuição, deslocamento e descarga, e se difunde pelos traços mnêmicos das representações como o faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos. (1894, v. III, p. 61)

No seu espírito geral, a concepção quantitativa já se encontra esboçada. De forma mais específica, o *Projeto* define quantidade como a diferença entre o repouso e a atividade que se encontra submetida às leis mecânicas. Assim, o aparelho psíquico é concebido como receptor e processador de quantidades externas e internas. Ele não cumpre apenas a função primária de descarregar quantidade, mas também a secundária, de fuga do estímulo através da ação específica que demanda retê-la. Por essa razão, o aparelho tem a tendência de manter um mínimo de quantidade necessária para poder cumprir sua função.

Quanto à teoria dos neurônios, Freud estabelece identidade entre eles. Todos possuem a mesma constituição, dada pelas prolongações celulares que recebem quantidades e os cilindros-eixo que as livram. A diferença entre os três tipos de neurônios $\phi\psi\omega$ explica-se com base na diferença de destino dos mesmos: ϕ lida com quantidades externas, via terminais nervosos, protegendo os restantes sistemas de modo que ψ e ω recebem quantidades endógenas cada vez menores. Identidade de arquitetura e diferença de destino é a fórmula freudiana que sintetiza o porquê da distinção entre os neurônios.

Com vistas à função secundária, os neurônios apresentam resistências à descarga, chamadas de barreiras de contato. Os neurônios ϕ , permeáveis, não operam resistência, de forma eficiente, diante da grande intensidade das quantidades externas; enquanto nos ψ , impermeáveis,

as barreiras-contato funcionam quando se trata de intensidades menores, podendo mudar após cada decurso excitativo. Com a passagem de quantidade, as barreiras-contato tornam-se mais suscetíveis de condução, estabelecendo facilitações que explicam a memória.

Como fica evidente, o objetivo difere do de 1891. Nesse momento, Freud busca estabelecer uma psicologia nos moldes da ciência natural e, portanto, as explicações que envolvem quantidades e neurônios devem responder ao tipo mecânico e biológico.⁷ Ambas as classes de explicação convivem se complementando, mas com certa hierarquia. Freud serve-se das explicações biológicas para reforçar as teses e argumentações principais, ou seja, as mecânicas. A arbitrariedade das construções *ad hoc* é diminuída quando as hipóteses podem ser confirmadas de mais de um ponto de vista. Esse é justamente o papel cumprido pela biologia no *Projeto* (1950-1895, p. 346). Freud sustenta, em geral, que as ações humanas levam à redução da quantidade no sistema nervoso, o que resulta prazeroso e adaptativo. O fundamento biológico, ainda que com validade própria, pode ser reduzido a princípios mecânicos (Gabbi Jr. 2003, pp. 61-2, nota 118).

O mental, enquanto concomitante dependente – como caracterizado no capítulo V da *Auffassung* –, indica prioridade ontológica dos processos físicos, como seria o caso de uma posição epifenomenalista, na qual o dualismo se refere às propriedades e não à substância. Com efeito, essa teoria entende que os fenômenos mentais são causados pela atividade cerebral (Churchland 2004, p. 31). Se a posição dualista da *Auffassung* for metodológica, isso não implica um compromisso ontológico determinado (Klimovsky 1995, pp. 313-4). Em todo caso, para essas variantes e outras, similares, de dualismo, a objeção central à tentativa reducionista do *Projeto* reside em não conseguir dar conta dos aspectos especificamente mentais.

⁷ Strachey define explicação mecânica: “Uma explicação ‘mecânica’ (ou ‘automática’, palavra que às vezes utiliza-se como sinônimo) é aquela na qual o fenômeno estudado está determinado em forma direta por sucessos físicos contemporâneos a esse; a explicação ‘biológica’ é a que indica a determinação genética do fenômeno, por seu valor de supervivência para a espécie” (1966c, pp. 349-50, nota 27).

A crítica não gira apenas em torno da dificuldade de mostrar a forma em que as quantidades se transformam em qualidades,⁸ mas também como se articula a dimensão de sentido, ainda que inconsciente.⁹ Embora considerada por seu autor uma tentativa fracassada, o *Projeto* abre uma perspectiva importante para o desenvolvimento ulterior da teoria, que se pode apreciar, pelo menos em parte, no tratamento da representação.

O conceito de representação

Como mencionáramos antes, o texto sobre as afasias descreve a palavra como um complexo construído com base em um intrincado processo de associações visuais, acústicas e cinestésicas (Freud 1973, cap. VI). Ela adquire significado quando associada ao objeto que nomeia. Emprestado de Mill, segundo própria declaração de Freud, o conceito de objeto também se caracteriza por ser um complexo de associações de imagens visuais, táteis, auditivas, cinestésicas e outras. A diferença entre tais conjuntos associativos – tese retomada no *Projeto* – reside em o complexo da palavra ser fechado, enquanto o do objeto é aberto.

Freud passa da noção de palavra à de representação complexa ao estabelecer a sua referência extralingüística, sustentando uma concepção denotativa da linguagem semelhante à de Mill¹⁰ e derivada do conceito

⁸ Isso já seria bastante problemático, uma vez que Freud indica a necessidade de uma teoria psicológica explicar – além da memória (1950 – 1895, v. I, p. 343) – a consciência (1950 – 1895, v. I, p. 352).

⁹ Referimo-nos à tensão própria da teoria freudiana entre sentido e energia denunciada por Ricoeur (1965). Cabe observar que Freud, no *Projeto*, refere-se não apenas a neurônios ocupados, mas também a imagens e representações.

¹⁰ Quanto à referência dos nomes, Mill contrapõe duas concepções: ou bem eles são nomes das idéias que temos sobre as coisas, ou bem eles nomeiam as coisas. Esta última é a tese defendida por ele: “Quando eu digo: ‘O sol é a causa do dia’ não entendo que minha idéia do sol causa ou excita em mim a idéia do dia, ou, em outros termos, que pensar acerca do sol me faz pensar acerca do dia. Entendo que um certo fato físico, chamado presença do sol (que, em última análise, se resolve em sensações e não em idéias), causa um outro fato físico chamado dia”. [...] “É necessário considerar uma

de objeto deste último (1865, L. I, cap. II, p. 32). Se o objeto não é senão o conjunto das suas qualidades,¹¹ não existindo nada como a coisa em si, então, a palavra, ao se associar com o complexo de imagens do objeto, está se associando ao objeto propriamente dito. Em outros termos, o objeto – entendido como o conjunto das sensações que desperta – é referido pela palavra à qual se encontra ligado (Stuart Mill 1865, L. I, cap. II, p. 31).

Embora conserve as noções de associações lingüísticas e de objeto, o conceito de representação no *Projeto* apresenta um grau maior de complexidade ao se inserir no marco do aparelho psíquico. Em primeiro lugar, devemos diferenciar representação de percepção. Esta consiste na ocupação de neurônios ϕ por quantidades externas, cujo signo de qualidade, fornecedor do caráter consciente, é aportado desde ω . Diferente dessa, a representação consiste na ocupação de traços mnêmicos¹² ou, em outras palavras, uma nova ocupação de neurônios ψ anteriormente facilitados entre si pelo fluxo de uma quantidade. Enquanto uma percepção sempre acarreta qualidade, uma representação poderá ser consciente se receber a contribuição de ω ou, caso contrário, permanecer inconsciente.

Da diferença entre percepção e representação nos interessa observar três conseqüências: a incompatibilidade entre percepção e memória, a distinção entre representações conscientes e inconscientes e a

palavra como o Nome [...] da coisa sobre a qual queremos, pela intermediação da palavra, dar informações” (Stuart Mill 1865, L. I, cap. II, p. 32).

¹¹ Segundo Mill, o objeto nada mais é do que o conjunto das suas qualidades transmitidas através dos sentidos (1865, L. I, cap. III, § 7).

¹² Freud, no *Projeto*, explica a inscrição da lembrança sem se servir da semelhança entre traços e objetos. Daí a diferença entre traço e imagem mnêmicos. Por sua vez, a representação se diferencia do traço mnêmico, entendido como arranjo especial de facilitações, em que aquela consiste na ocupação deste com uma quantidade. Dito de outro modo, a representação é concebida como o investimento dos caminhos preferenciais entre neurônios anteriormente estabelecidos. Já o processo perceptivo é o que facilita os trilhos entre neurônios (Laplanche e Pontalis 1992, pp. 512-4). Sendo assim, essa idéia de representação está na base da concepção de memória entendida como constituída pelas diferenças das facilitações entre os neurônios ψ (Freud 1950 – 1895, v. I, p. 345).

definição da maioria dos processos psíquicos como resultados de operações sobre traços mnêmicos.

No que tange à primeira, o sistema ϕ , caracterizado pela sua permeabilidade, recebe quantidade externa sem retê-la. Incapaz de conservar nenhuma alteração, uma vez que a excitação passou, retorna ao estado originário inalterado para receber novos estímulos. Ao contrário, o sistema ψ , cuja propriedade fundamental é a impermeabilidade, conserva as alterações com a passagem da excitação. Disso segue-se a incompatibilidade das funções da percepção e da memória.¹³ A capacidade ilimitada de receber excitações e de conservar as impressões decorrentes se excluem.

A segunda das conseqüências apontadas refere-se à distinção entre representações conscientes e inconscientes. A separação entre os sistemas ϕ , ψ e ω permite romper a identificação representação-consciência, uma vez que, para apresentar esse caráter, é necessária a contribuição de ω . A partir desse momento, falar em representação inconsciente ganha um fundamento teórico, impossível no texto de 1891. Freud aborda os processos psíquicos como existindo independentemente de uma consciência:

[...] a consciência não nos proporciona uma notícia completa nem confiável dos processos neuronais; e estes [...] têm de ser considerados em primeiro termo como inconscientes e, da mesma maneira que outras coisas naturais, devem ser inferidos. (Freud 1950 – 1895, v. I, p. 352)

No parágrafo seguinte ele acrescenta:

Consciência é aqui o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema de neurônios, a saber, dos processos ω , e a ausência da consciência não deixa inalterado o acontecer psíquico, senão inclui a ausência da contribuição do sistema ω . (Freud 1950 – 1895, v. I, pp. 355-6)

¹³ Reencontramos essa idéia em *A interpretação dos sonhos* e *Notas sobre o bloco mágico*.

Importa salientar que se trata de processos psíquicos entendidos como fenômenos físicos e naturais, de modo que a consciência adquire o estatuto de uma característica que se acrescenta pela intervenção de um determinado tipo de neurônio, ou seja, não pode mais ser pensada como essencial ou definitiva do mesmo.¹⁴

A terceira das conseqüências mencionadas evidencia a centralidade da noção de memória, pois os processos psíquicos são caracterizados em função do material registrado e conservado via traços mnêmicos. Com efeito, a memória abrange a função de registro das vivências e as lembranças são a base para explicar, não apenas afetos, desejos, pensamentos, mas também as vivências psicopatológicas. É *a posteriori* que a famosa cena com o comerciante da parte II do *Projeto* adquire sua dimensão traumática, ou seja, não é a vivência da situação, senão a sua lembrança, que vira psicogênica.

A noção de *das Ding*

Um caso especial no último ponto da seção anterior é o desejo. Em face de um estado de necessidade provocado pela somação de quantidade, a vivência de satisfação deixa facilitações entre os traços mnêmicos do objeto, da ação específica e da descarga prazerosa da quantidade acumulada. Desse modo, uma nova somação de quantidade vai deslanchar um processo de reocupação dos traços facilitados entre si, conhecido como estado desiderativo. Em outras palavras, o desejo consiste em uma operação sobre o sistema ψ de representações que reinveste os traços correspondentes à associação formada por tensão-objeto-interrupção da tensão.

Todavia, com vistas à boa adaptação do organismo, é preciso distinguir entre uma ocupação perceptiva e uma alucinatória. Uma vez realizada essa distinção, o desejo – acúmulo de quantidade associado à

¹⁴ Para a introdução do sentido descritivo e dinâmico do inconsciente no *Projeto*, cf. Caropreso 2005, pp. 998-1002.

lembrança dos componentes da vivência de satisfação – provoca a atividade do pensar, que tende a verificar a identidade entre o complexo perceptivo e o complexo mnêmico, a fim de permitir ou não a descarga.¹⁵ Quando a coincidência entre o complexo perceptivo e o desiderativo é parcial, o pensar encarregar-se-á de estabelecer a identidade entre ambos. No caso de a ocupação desiderativa estar formada por neurônio a + neurônio b e a ocupação perceptiva por neurônio a + neurônio c, a tarefa é fazer surgir novas ocupações até encontrar um acesso ao neurônio b.¹⁶

No § 16, o neurônio a, comum a ambos os complexos (de desejo e de percepção), é chamado por Freud de a coisa (*das Ding*); os neurônios variáveis são chamados de predicados. No mesmo parágrafo, ele compara, por um lado, o núcleo do eu com o elemento constante da percepção;¹⁷ por outro, os neurônios ocupados variáveis do manto com o componente inconstante da percepção.¹⁸

No § 18, Freud afirma, laconicamente, que o que ele chama de coisas são “restos subtraídos à apreciação judicativa” (1950 – 1895, v. I, p. 379). Em relação a isso, Gabbi Jr. comenta que “as coisas” escapam ao julgar, porque elas o fazem possível (2003, p. 82, nota 190). Desse modo,

¹⁵ O pensar implica demora na descarga e é sustentado pelo eu. Este é definido como a organização da totalidade de ocupações em ψ , dentre as quais umas são permanentes. De tal organização decorre a capacidade inibitória do curso quantitativo. Se, na ausência do eu, uma quantidade iria seguir uma direção, na sua presença, o caminho é alterado pelas ocupações que agem como facilitações alternativas, podendo impedir o livre escoamento da excitação.

¹⁶ Ligação entre b e c dada em geral por uma imagem motora intercalada entre c e b, que possibilita a transição de uma para outra. Freud exemplifica essa transição com a imagem de movimento da cabeça do bebê que estabelece a ponte necessária entre a lembrança frontal do seio materno e a visão de lado do mesmo.

¹⁷ Osmyr Faria Gabbi Jr. observa que, no objeto desiderativo, o termo coisa designa um neurônio do núcleo do eu e o termo predicado denota um neurônio da parte variável do eu; no objeto percebido, “coisa” designa a parte constante da percepção e “predicado”, a parte variável (Gabbi Jr. 2003, p. 72, nota 155).

¹⁸ No sistema ψ , Freud introduz a distinção manto/núcleo para identificar os neurônios investidos desde ϕ e os investidos desde as conduções endógenas (1950 – 1895, v. I, p. 360).

das Ding, enquanto entidade estável, é o que sustenta, no pensar judicativo, a passagem do neurônio b ao neurônio c, predicados ou atributos, e sempre permanece inconsciente.¹⁹

Em relação à *Auffassung*, não parece haver muita diferença no que diz respeito à noção dos predicados que podem se assimilar à associação de propriedades em que se apresenta o objeto, nem no referente à noção de palavra constituída pelas associações dos diversos tipos de imagens,²⁰ mas, acerca da noção de coisa, não há nada parecido nela. Poderíamos tentar aproximar a coisa com o “x vazio” de Locke ou a substância humana por trás do conjunto de qualidades pelas quais se apresentam os objetos. Também poderíamos aproximá-la da coisa em si kantiana, da qual somente conhecemos seus aspectos fenomênicos. Tais aproximações têm suas restrições, pois o *das Ding* supõe experiência, ainda que não suscetível de consciência.

Em todo caso, o que Freud parece dizer é que não se trata, centralmente, de algo externo inacessível, mas, ao contrário, o registro em estado bruto de experiências definitivamente marcantes para o sujeito que remontam às suas primeiras impressões, na maior parte prévias à aquisição da linguagem (Caorsi 1994, pp. 59-61). De qualquer modo, a comparação não se mostra completamente inútil, pois salienta o aspecto puramente quantitativo da coisa freudiana. Se seguirmos essa linha de interpretação, é razoável pensar o neurônio b como neurônio perdido por definição e o neurônio c como seu substituto, aquele com o qual lidamos no desejo

¹⁹ Garcia-Roza cita Dreyfuss em uma tentativa de definição da noção de coisa com base no exemplo do seio materno dado por Freud: [o neurônio a] “é o que há de comum entre o investimento-desejo e todas as imagens do seio tais que uma experiência de satisfação, único critério admissível, poderá ou terá podido seguir” (Dreyfuss *apud* Garcia-Roza 1991, p. 161).

²⁰ No pensar, as associações de fala dão as indicações de qualidade que permitem explicar a lembrança de pensamento diferente da lembrança de percepção, cuja indicação de qualidade vem de ω . Por conseguinte, um pensamento torna-se consciente pela palavra (Forrester 1983, pp. 76-7).

e na percepção (Hiltensbrand 2003, p. 5), pois os objetos de desejo e de satisfação viram objetos substitutivos.

No parágrafo seguinte, a comparação se estabelece entre a coisa e o complexo do semelhante. Este – primeiro objeto de satisfação, hostil e auxiliador – se apresenta em percepções novas compostas pelas feições, por exemplo, e outras coincidentes com as recordações de impressões próprias decorrentes do próprio corpo, associadas às lembranças de movimentos próprios. O grito do outro acarreta a recordação do grito próprio e da dor correspondente. Assim, os predicados do complexo do semelhante são reconhecidos pelas inscrições dos movimentos e percepções no corpo próprio. A representação do semelhante apresenta, por sua vez, uma parte constante – as feições –, que forma a coisa, e uma parte variável – movimentos da mão –, que constitui os predicados. A analogia mencionada se expressa nos seguintes termos: o núcleo do eu está para as feições como o manto para os movimentos da mão (Gabbi Jr. 2003, p. 78, nota 174). Acerca do registro do próximo no eu, Hiltensbrand comenta:

[...] o núcleo da Coisa, ou do Eu, é constituído por certo número de marcas elaboradas a partir do princípio de prazer; a rede de neurônios Ψ estando constituída por essas marcas, essa rede constitui a massa constante da Coisa. Mas o que Freud acrescenta nessa segunda descrição é que doravante esse princípio de prazer é ele próprio comandado pela presença/ausência do Outro, auxiliador ou hostil. (2003, p. 6)²¹

Em primeiro lugar, o núcleo do eu envolve inscrições resultantes das primeiras vivências de satisfação e de dor. Daí a tendência de o aparelho a evitar acúmulo de excitação estar modificada pela vivência agradável ou desagradável do outro. Em segundo, a instauração do eu enquanto

²¹ [...] *“le noyau de la Chose, ou de Je, est constitué par un certain nombre de repérages élaborés à partir du principe de plaisir; le réseau de neurones Ψ étant constitué de ces repérages, ce réseau se trouve donc constituer la masse constante de la Chose. Mais ce que Freud ajoute avec cette deuxième description, c’est que désormais ce principe de plaisir est lui-même commandé par la présence/absence de l’Autre, secourable ou hostile”.*

conjunto de neurônios ocupados de forma estável não apenas propicia a realização do processo secundário, mas também influencia toda entrada de novas excitações no aparelho psíquico. Dessa maneira, o curso da quantidade externa da percepção de objetos exteriores sofre a interferência do eu. Trata-se de certo predomínio do psíquico, constituído pelas primeiras vivências, sobre os novos objetos externos.

Conclusão

Se interpretarmos a teoria da concomitância defendida no texto sobre as afasias como dualismo de propriedades, então, os processos psíquicos são irreduzíveis aos físicos, embora dependam destes. Nesse caso, o *Projeto* significa uma mudança quanto à possibilidade de explicar uns com base nos outros. Se, diversamente, considerarmos que se trata de um dualismo de tipo metodológico, então, a modificação diz respeito à abordagem e não à concepção ontológica envolvida.

A introdução da perspectiva quantitativa abre o caminho para pensarmos a representação em relação com o corpo e, portanto, torna possível a dimensão do afeto, entendido como montante de excitação. Desse modo, o esquema conceitual da representação na *Auffassung* adquire, no *Entwurf*, uma nova dimensão além da ideativo-semântica. A diferenciação entre os sistemas ϕ , ψ e ω permite dar conta do caráter inconsciente de parte das representações e, assim, fornecer um modelo teórico do funcionamento psíquico para explicar tanto a psicopatologia quanto os processos normais.

Além de manter as noções de representação de palavra e de objeto, Freud estabelece a noção de *das Ding*, que propicia a elaboração do desejo e o seu vínculo com o conceito incipiente de pulsão, mesmo que concebida obscuramente. Nos textos posteriores ao *Projeto*, a elaboração freudiana irá passar pelo processo de tradução da linguagem neurofisiológica para a psicológica, porém, tendo-se beneficiado com essa etapa.

Referências

- Breuer, Josef 1976: “Estúdios sobre la histeria. Parte teórica”. In: Freud 1893-5: *Obras completas*. v. II. Tradução de Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu.
- Caorsi, Carlos Enrique 1994: *Lógica, filosofía y psicoanálisis*. Montevideo, Roca Viva.
- Caropreso, Fátima 2005: “A elaboração da concepção sistemática do inconsciente na primeira tópica freudiana”. *Fragmentos de cultura – filosofia e psicanálise*, v. 15, n. 6.
- Churchland, Paul M. 2004: *Matéria e consciência – uma introdução contemporânea à filosofia da mente*. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo, Unesp.
- Dreyfuss, Jean s/d: “Remarques sur *das Ding* dans l’Esquisse” apud Garcia-Roza 1991: *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Forrester, John 1983: *A linguagem e as origens da psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund 1888: “Histeria”. In: *Obras completas*. v. I. Tradução de Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu, 1976.
- ____ 1894: “Las neuropsicoses de defensa”. In: *Obras completas*. v. III. Tradução de Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu, 1976.
- ____ 1950 – 1895: “Proyecto de psicología”. In: *Obras completas*. v. I. Tradução de Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu, 1976.
- ____ 1973: *La afasia*. Buenos Aires, Nova Visión.
- ____ 2003: “Projeto de uma psicologia”. In: Gabbi Jr. 2003.
- Gabbi Jr., Osmyr Faria 1993: “A teoria do inconsciente como teoria da memória”. *Psicologia USP*, v. 4, n. 1/2, pp. 247-60.
- ____ 2003: *Notas a Projeto de uma psicologia – as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago.

- Hiltenbrand, Jean.-P. 2003: "À propos de l'esquisse d'une psychologie scientifique de Sigmund Freud". *Bulletin de l' Association lacanienne internationale*, n. 102, pp. 3-12.
- Klimovsky, Gregorio 1995: *Las desventuras del conocimiento científico*. Buenos Aires, A-Z Editora.
- Laplanche, Jean e Pontalis, Jean 1992: *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Tamem. São Paulo, Martins Fontes.
- Ricoeur, Paul 1965: *De l'interprétation – essai sur Freud*. Paris, Seuil.
- Strachey, James 1966a: "Notas". In: Freud 1897: *Obras completas*. v. III. Buenos Aires, Amorrortu, 1976.
- _____ 1966b: "Introducción". In: Freud 1950 – 1895: *Obras completas*. v. I. Buenos Aires, Amorrortu, 1976.
- _____ 1966c: "Notas". In: Freud 1950 – 1895: *Obras completas*. v. I. Buenos Aires, Amorrortu, 1976.
- Stuart Mill, John 1865: *Système de logique déductive et inductive*. Traduzido por Louis Peisse. Québec, Chicoutimi, 2002. Disponível em: <http://www.uqac.quebec.ca/zone30/classiquesdessciencesociales/indexhtml>